

POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA: REFLEXO E IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO

Madalena Dias Silva Freitas¹
Natal ferreira de Jesus²

As abordagens privilegiadas neste trabalho expressa a história dos negros no Brasil, que são registradas paralelamente a história oficial brasileira, não sendo representado de forma verdadeira nas produções literárias, povo sem “história” povo sem “raízes”, já que a historiografia obedece a ótica do europeu que deu ostentação a imagem de superioridade dos brancos e de seus feitos.

A falta da imagem do negro nos livros didáticos contribui para a discriminação no contexto social. Tendo em vista a necessidade e, urgência em eliminar as práticas racistas arraigadas a sociedade brasileira, acredita-se que este trabalho terá uma boa receptividade no meio acadêmico contribuindo para a desconstrução dos conceitos errôneos criados contra o povo negro.

O ponto central desta produção é o desrespeito, a discriminação que o livro didático, a literatura brasileira e infanto-juvenil tem permitido acontecer e continua acontecendo nos espaços escolares, já que os estereótipos que permeiam as mentes dos brasileiros foram construídos através de décadas e se aprendemos a construir é necessário e urgente encontrar meios para desconstruí-los.

Para chegar a essa compreensão desenvolve-se uma reflexão sobre o livro didático no contexto escolar, ele enquanto protagonista tem disseminado as idéias de uma elite, de um mundo capitalista. Qual é imagem do negro no livro didático? Este por sua vez tem se portado como um mediador da discriminação racial. Qual é o livro didático que temos no Século XXI? Este por sua vez, tem contribuído para, a construção da cidadania, a diversidade que constitui o povo brasileiro, no entanto cabe ao professor dar um novo sentido ao processo de educar.

Abordando nessa perspectiva as representações de imagens, charges, gráficos de como o negro é retratado dentro do contexto dos livros didáticos. Examinando alguns exemplares

¹ Professora da Universidade Estadual de Goiás UEG, Aluna do mestrado em História da PUC de Goiás

² Professor da rede Estadual de Goiás, Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás UEG.

ficou constatado o racismo nos livros didáticos em especial na coleção do autor Faraco e Moura bem como negro enquanto personagem na mídia, que, papéis são reservados a eles e que mais uma vez a mídia tem sido o veículo propagador da inferiorização desta população.

Nesse sentido, o texto em voga objetiva ampliar os caminhos que debata as questões raciais no Brasil, tendo a educação como referencial na discussão, podendo contribuir na formação da vida acadêmica propiciando suporte no que se refere a “população negra na historiografia brasileira transporta o conceito colonialista e eurocêntrico com embasamento em ideologias de superioridade racial que dominou índios e submeteu povos do continente africano ao sistema de escravidão.

A metodologia aplicada ao estudo tem como pressuposto análise de livros didáticos e para didático, dialogando com autores que tem discutido a temática percebendo a visão irônica na representação da sociedade, brasileira sendo ponto inerente a discriminação racial.

O livro didático é um recurso muito utilizado pelos docentes, É um dos principais suportes pedagógico das escolas publicas do Brasil, repassado pelo governo federal através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) - Distribuído para todas as escolas brasileiras, As quais utilizam para organizarem os currículos a serem trabalhado durante o ano letivo.

É ele o responsável por sintetizar os conteúdos a serem ministrados como também trás em seu teor o pensamento elitista intelectual e bem como o tipo de sociedade que o capitalismo almeja, ele torna um instrumento condutor das ideologias. Sabe-se que ele é o instrumento que vem fornecendo subsídios para o campo educacional, porém ao mesmo tempo é o suporte para estruturação do imaginário a cerca das questões raciais. Ao analisar as escolas públicas que tem como função atender alunos oriundos das classes populares, o livro didático tem sido na maioria das vezes a única fonte de leitura para os alunos, e para os professores um material que supre suas dificuldades pedagógicas.

Privilegia a utilização do livro didático em sala de aula por diversas razões, especialmente, porque constitui um instrumento que permite a socialização dos conteúdos que são trabalhados. (COSTA, 2007, p. 28).

Outro fator que deve ser mencionado é o fato destes possuir os conteúdos sistematizados, funciona como fonte de pesquisa, superando as dificuldades dos alunos, e servem de suporte para resolverem as atividades de casa. “O livro didático vem se mantendo como protagonista no espaço escolar ao longo da história”. (COSTA, 2007, p. 31)

O livro didático vem constituindo sua história, em uma longa trajetória, tem renovado, tem melhorado, tem ficado mais atraente, tem privilegiado, tem desprezado, porém

conquistou e continua sendo o suporte para professores e alunos. E nesse dilema de privilegiar e desprezar a elite branca brasileira constitui no nível de superioridade e privilégio na representação dos livros.

Nesse esboço, há uma tendência de banalizar a desigualdade entre a população negra e não negra, que vai reconstruindo cotidianamente, onde predomina um discurso de igualdade, cidadania e democracia que se encontram consolidadas nas práticas sociais.

A partir da década de 50, iniciaram pesquisas sobre o livro didático e os pesquisadores chegaram a seguinte conclusão de que o livro didático vem sendo utilizado como sustentação para a discriminação racial contra o povo negro, enquanto recurso didático pedagógico está presente, desde as séries iniciais de escolarização dos discentes e estes livros passam a ser para os alunos um legitimador de “verdades” frequentemente concebidas a partir de visões distorcidas em torno dos seres humanos e das relações que estabelece entre si e entre o grupo.

Como a instituição escolar inserida numa sociedade dividida em desigual, mas que articula o discurso da igualdade condenando qualquer tratamento desigual e discriminatório, vem lidando com as diferenças sociais, entre as quais, as diferenças étnicas. (COSTA, 2007, p. 34).

Segundo Costa a democratização escolar que se encontra inserida em uma sociedade, onde deveria combater a desigualdade racial, apenas prega um discurso de combate a desigualdade e discriminação.

Nos textos verbais e não verbais é constante percebermos as representações dos brancos atuando na posição de comando, restando aos negros a posição de subordinados.

Na atualidade já existem muitos trabalhos de autores renomados acerca do livro didático. Há uma controvérsia a seu respeito, alguns defendem a sua importância, todavia outros o vê como um mal desnecessário.

Santos admite que o livro didático é importante para a formação escolar, todavia o classifica como uma coisa ruim, devido estes serem condutores de ideologias de classe dominante, pois estes em seu teor distorcem os conceitos de família, povo brasileiro e nação. Na visão do autor, o livro didático é um reflexo das concepções que a sociedade tem de si mesma, de suas instituições de sua pátria.

Destaca-se a importância do livro didático no processo educativo, porém discute o papel que ele tem desempenhado: o de veículo de ideologia a disposição da indústria cultural. E que na maioria das vezes estes estão descontextualizados da realidade, o que vem dificultando aos alunos uma reflexão crítica daquilo que lê.

Defende com urgência uma formação de professores, a qual estes sejam preparados com uma ótica aguçada para saber analisar e criticar e utilizar o livro de forma adequada, e por último a sensibilização do meio editorial sobre o seu papel. Há um paradigma no que se refere aos professores e o livro didático reconhecer as mazelas desse material exige uma boa formação profissional, tornando capacitados para debater com as ideologias das classes dominantes impregnada nos textos e imagens dos livros de maneira que possa possibilitar cobranças e exigência das autoridades competentes para a seleção do material as serem distribuído. “A questão racial no livro didático é de suma importância, pois atinge diretamente uma parcela populacional de aproximadamente 45%, composta por pretos e pardos” (COSTA, 2007, p. 40)

Para o autor, o livro didático tem negado, tem omitido a discriminação contra os negros e pardos. É de grande relevância tratar desta questão em seu teor não somente por serem 45% da população brasileira, mas sim por possuírem os mesmos direitos de estarem representados nas literaturas enquanto cidadãos.

Houve um avanço na produção dos livros didáticos do século XXI, pois estes superam em muito a questão ética racial, porém ainda há muito a que ser feito, já que é comum encontrar livros no qual o negro possui sua imagem associada a: **Passividade, Mendicância e fome, Chimpanzé, Delinqüência, Drogas, Escravidão, sujeira, Uso da cor no lugar do nome.** (COSTA, 2007, p. 42)

Segundo a autora no decorrer da nossa história, o livro didático tem ajudado a construir uma imagem negativa da população negra. São usados termos pejorativos para fazer referencia aos negros ou associados à cor preta. A representação do negro em textos não verbais também deixa profundas marcas, fortes concepções negativas, tais como: Escravidão, Lixo, Exploração, Trabalho pesado, Pavor, Miséria e garimpo, Diabruras, Mendicância, Abandono, Delinqüência. (COSTA, 2007, p. 45)

A imagem do negro em textos não verbais tem contribuído para uma ação discriminadora, são termos que tem meios de inferiorizar a população negra.

No livro didático em seu teor possui variadas formas de depreciação da imagem do negro. Essas formas se dão através das imagens verbais escritas e as não verbais, as quais se mantêm uma linha divisória entre os negros e os brancos. Os grupos negros em sua maioria são retratados nos livros didáticos como um problema social.

Segundo a autora no decorrer da nossa história, o livro didático tem ajudado a construir uma imagem negativa da população negra. São usados termos pejorativos para fazer

referencia aos negros ou associados à cor preta. A representação do negro em textos não verbais também deixa profundas marcas, fortes concepções negativas, tais como:

A imagem do negro em textos não verbais tem contribuído para uma ação discriminadora, são termos que tem meios de inferiorizar a população negra. No livro didático em seu teor possui variadas formas de depreciação da imagem do negro. Essas formas se dão através das imagens verbais escritas e as não verbais, as quais se mantêm uma linha divisória entre os negros e os brancos. Os grupos negros em sua maioria são retratados nos livros didáticos como um problema social.



(SILVA, A. S.; Bertolin, R; Oliveira, J. A. *apud* COSTA, p. 51)

Na charge o personagem branco representa alguém seguro de si bem situado emocionalmente e economicamente, o personagem de características negras está sendo retratado como um marginal.

Nos livros didáticos as imagens estão associadas a escravidão, trabalhos realizados por eles não são dignos de serem executados por brancos. Tanto as crianças como adultos são retratados sem vínculos afetivos, exemplificando pode observar as famílias.

Embora se propague o discurso da cidadania com direitos iguais para todos verifica-se que as condições nas quais se dá a representação do negro denotam que a concepção de cidadão perpassa pelos livros analisados não engloba brancos e negros, haja vista que ambos ainda estão sendo focalizados em uma relação desigual. O negro é colocado em situação de inferioridade com relação ao branco, como se fosse um simples reflexo da realidade. (COSTA, 2007, p. 52).

A constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu art. V, destaca o repúdio ao racismo, enfatiza a definição de racismo como um crime inafiançável e o agente da

discriminação sujeito a penalidades. Ainda existe a Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989, define que: quem praticar induzir ou incitar a discriminação ou ao preconceito de raça, cor, etnia ou religião estão sujeito a pena de reclusão de um a três anos e multa.

Na prática isto não vem acontecendo no que tange ao livro didático, basta que faça uma análise mais minuciosa. Acaba que o discurso de cidadania fica somente no discurso.

Há situação em que branco e negro são apresentados em igual condição degradante. Ainda assim, a personagem branca é focalizada numa perspectiva de superioridade com relação à negra, como se vê no fragmento da obra de Jorge Amado, Capitães de Areia, cuja trama gira em torno das personagens Gato (menino branco) e Boa-vida (menino negro). (COSTA, 2007, p. 53). 44

De acordo com os dados fornecidos por Costa, a comparação feita entre os personagens, de cores distintas, percebe-se que ambos estão no mesmo patamar, porém mesmo assim o branco tem melhores status.

Ainda é possível encontrar na obra de Andrade Macunaíma a seguinte referência:

O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou-se na cola e lavou-se inteirinho... Quando o herói saiu do banho estava loiro de olhos azulinhos, a água lavara o pretume dele (ANDRADE, apud: Costa, 2007, p. 54).

De acordo com Costa, o negro aqui tem sua cor associada a sujeira, na qual pode ser lavada. Se ao lavar-se Macunaíma se torna louro, a afirmação que aqui se faz é que ser um negro é ser sujo e possivelmente impuro.

No momento atual a imagem do negro no livro didático encontra-se associada a, grosso modo aos miseráveis, garimpeiros, desafortunados, etc.

O negro é apresentado como objeto de riso, gracejos, isto mostra o profundo desrespeito a sua dignidade, principalmente no tocante às diferenças culturais, raciais, e religiosas. Para exemplificar, temos a charge que vem comprovar a reflexão anteriormente trabalhada.



(FARACO, apud: Costa: 2007, p. 59)

Hoje há um maior número de professores que estão preocupados com a discriminação racial presente nos livros didáticos. Muitos deles já conseguem trabalhar numa perspectiva crítica, que ajuda a combater o racismo e a discriminação racial, porém encontram barreiras na precariedade e ausência de materiais pedagógicos disponíveis e toda a organização das escolas constituída com a mentalidade racista.

Esta temática não é recente, poucas mudanças aconteceram. A negação que o negro tem vivenciado em textos verbais e não verbais constitui a violação que a imagem do negro tem sofrido. Os livros didáticos do século XXI no Brasil não só negam aos negros o direito de usufruir de uma imagem positiva, ao qual todo homem enquanto cidadão tem direito, assim é visto que o livro mais uma vez insuflam a perpetuação do racismo contra a população negra.

É muito comum observar a posição de inferioridade do negro presente na literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos, um dos maiores exemplos são as obras de Monteiro Lobato, em sua obra a Tia Anastácia é representada como uma empregada doméstica, enquanto Dona Benta fica na sala a contar história, receber visitas e a saborear as guloseimas produzidas pela cozinheira Anastácia.

“Na literatura infanto-juvenil e em livros didáticos brasileiros continuamos a observar que discriminam negros e promovem brancos, estabelecendo hierarquia entre grupos raciais” (Carta na Escola, 2008, p. 42)

De acordo com o autor Paulo Vinicius Baptista da Silva, percebe-se através de pesquisas realizadas na década de 50, por Moreira Leite e em 1957 por Bazzanella, detectaram que o racismo existente na literatura infanto-juvenil e livros didáticos era raro.

A hierarquização entre os negros e os brancos, se as apresentavam eram de forma subtendidas. Todavia o Ministério da Educação e Cultura (MEC) órgão responsável pela avaliação dos livros didáticos tem procurado apenas a presença explícita do racismo dando pequena ênfase às formas implícita do racismo no interior dos livros.

É importante destacar o papel dos sistemas de ensino, das licenciaturas, dos professores e alunos, na difusão de análise crítica e ilustrações de literatura infanto-juvenil e de livros didáticos, os quais são estabelecidos a hierarquia entre negros e brancos e outras minorias.

Ao entrar em uma biblioteca e folharem uma revista, um livro, percebe-se que na maioria das vezes é o branco que tem ocupado, povoado as capas, sendo, portanto os personagens centrais. Hoje, já encontram algumas obras com ilustrações que representa os personagens negros porém de forma coadjuvantes. Todavia, a condição de inferioridade dos negros continua.

Na literatura infanto-juvenil publicada entre 1955 e 1957 observou-se; subrepresentação de personagens negros em textos e ilustrações; estereotípias nas ilustrações de personagens negros; associação de personagens negros, profissões socialmente desvalorizadas; menor elaboração textual de personagens negros; associação da cor negra com maldade, tragédia, sujeira, associação do ser negro com castigo e com feiúra; associação com personagens antropomorfizado (não humanos) (Carta na Escola, 2008, p. 43).

Nota-se nesta afirmação que a população negra ocupava as posições sociais piores no que diz respeito às profissões, suas referências textuais eram limitadas, quando se faziam associações da personagem negra estas eram para inferiorizá-las, diminuí-las e constantemente os associavam a animais.

No período compreendido entre 1975 a 1995, tais características vão persistirem, havendo um pequeno avanço na retratação de seus personagens, merecendo destaque nas tramas e mesmo conseguindo papéis de protagonistas, porém sem mudanças nas tendências gerais. Seus constantes personagens estavam relacionados a condição de escravos ou ao passado escravista. A mulher negra continuou a ter sua imagem associada a empregada doméstica.

Xica da Silva teve sua importância enquanto mulher negra na historiografia brasileira. Ela retratou a difícil vida que levava as mulheres negras na sociedade colonial brasileira. Ao mesmo

tempo retratou a astúcia da mulher negra na condição de vítima da escravidão, que souberam usar de artimanhas para conseguir algumas regalias.

A abertura política do final da década de 1970 e começo dos anos de 1980 permitiu que surgisse o movimento de protesto negro contemporâneo. Apesar desses movimentos, estereótipos desfavoráveis dos negros prevalecem na mídia brasileira. No entanto, se não fossem essas representações estereotipadas, existiriam ainda menos imagens afro-brasileiras na mídia de hoje. (DAVIS, 2000, p. 70).

Nota-se nesta afirmação que mesmo tendo havido intensas lutas, movimentos, os espaços abertos aos negros ainda continua limitados, restritos a papéis de escravos, subalternos, domésticos, nunca ocupa um papel central. Porém merece destacar se não houvesse essas representações estereotipadas a imagem dos afro-brasileiros seria ainda menos nos dias atuais.

Artistas e intelectuais tiveram que ajustar a realidade da repressão. Mesmo sofrendo censura, manifestações artísticas como o teatro a música popular, o cinema se tornaram focos de resistência contra o regime militar. Essa produção artística no pós 64 não exerce o papel de simples denunciador da atual conjuntura política. Alguns movimentos passaram a defender uma revolução estética, que marcou profundamente a produção cultural das futuras gerações.

Assim o cinema novo, a música de protesto, o teatro foram por duas décadas os meios de expressão da população brasileira que não concordava com a política de repressão, esses tornaram as vozes de um povo que lutava por uma democracia. Nesse contexto, tem se notado que existe um crescimento de negros, que participaram das artes, músicas e revoluções, fato esse que não se perpetuou ao longo do tempo, pois, a julgar pela tendência crescente de uma realidade democrática conquistada pela geração do Período Militar, não houve avanço algum, pois, nos escalões superiores do mundo da política, no campo econômico, a população negra ainda não tem seus espaços representados.

É raro perceber uma imagem positiva de afro-brasileiro no mundo midiático e é muito comum perceber que as pessoas se sentem incomodadas quando negros brasileiros fazem sucesso fora do Brasil. Quando estes são retratados, seus papéis são de: criados, domésticos, novelas da época da escravidão, dramas sociais, dançarinos, músicas, ou atuando como comediantes. O programa infantil, comandado pela loura Xuxa, que dança, canta, anima o público infantil é um exemplo claro da falta de espaço para dançarinos (as) negros (as) como também entre os grupos de crianças que participam das brincadeiras

Entende-se que as lutas do povo negro brasileiro e as diferentes formas de luta de zumbi até os dias atuais não foi em vão, tem mostrado pra sociedade que o racismo existe e o que não

existe é democracia racial, nos últimos anos houve mobilização política de forma mais abrangente como debates e implementação das cotas para negro e da Lei 10. 639/2003, porém há muito a que ser feito afinal foram séculos de desrespeito e negação da verdadeira história do povo brasileiro.

Ao folharem livros didáticos, paradidáticos, revistas, tem a impressão de que os personagens negros já se encontram mais valorizados devido já ter suas imagens ilustrando em algumas capas e ocupando algumas páginas, porém ao analisar de maneira minuciosa percebe que 90% dos textos e imagens são dedicado a história dos povos não negros. Assim pode afirmar que as mudanças ocorridas ainda são bastante tímidas.

Nota-se que há mudança, todavia não significa que exista ausência do discurso discriminatório, não existe um tratamento de maneira igualitária, ficando apenas na teoria, camuflado. Exemplificando essa camuflagem de igualdade temos os livros didáticos de história, que há muito tempo vem sendo cobrado pelos Movimentos Negros, para retratar a importância de Zumbi e do Quilombo³, estes por sua vez continuam sendo retratado de maneira superficial. E a história da África não faz parte dos currículos dos livros didáticos, mesmo com a Lei 10.639/2003 que torna obrigatória o ensino da África e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, os livros não contemplam esse conteúdo deixando a critério dos professores que na maioria das vezes não tem formação para buscar a complementação dessa temática.

Em síntese os livros didáticos ainda têm reservado o papel de escravos, o que dificulta e impede a compreensão e inserção dos negros na sociedade brasileira. “Entre 1975 e 2003 livros de português trouxeram 1 (um) negro para 16,7 brancos”. (SILVA, 2008, p. 44)

Segundo o autor ocorre uma disparidade, em abismo no mundo literário, pois, o percentual da representação imagética entre negros e brancos é um fator alarmante.

Um exemplo de personagens negros de existência limitada tem um apelo significativo neste trecho de poema de Cecília Meireles: O tempo passou. O bem-te-vi talvez tenha viajado [...] Talvez tenha sido atacado por um desses crioulos fortes que agora saem do mato e atiram sem razão nenhuma contra o primeiro vivente que encontram. (Carta na Escola, 2008, p. 44).

Nesta afirmação é visto com nitidez que a frase racista, atribuída ao negro com intuito de incriminá-lo gratuitamente não representa importância nenhuma para a trama, ou seja, tem a função de cometer um estereótipo contra as pessoas negras.

A literatura infanto-juvenil, ou até mesmo os livros didáticos não têm preocupado em evidenciar com igualdade a população de cor branca e de cor negra. “Os estereótipos sobre o

³ Quilombo: comunidade fundadas por negros para proteger das perseguições dos capitães do mato, que eram considerados violentos e que viviam de capturar escravos fugidos.

negro podem se constituir em uma variável importante para explicar o fracasso escolar das crianças negras na escola” (HASNBALG, *apud*, SILVA, 2001, p. 15-16)

Segundo a autora, a ausência do personagem negro nos livros didáticos, os estereótipos cometidos contra a população negra é uma variável que vem contribuir para o fracasso escolar das pessoas negras.

Os currículos, os materiais pedagógicos, os programas, priorizam os valores europeus em detrimento dos valores de outros grupos étnicos raciais presentes na sociedade.

Os valores desses grupos, constantemente são omitidos ocultados ou apresentados na maioria das vezes de maneira que não causam conflitos com as ideologias dominantes. Assim as populações excluídas, tendem a privilegiar os valores da história e cultura oficial como verdadeiros, passando a renegar a sua verdadeira identidade. Tudo isto pode acontecer, se o processo pedagógico, o seu cotidiano e a sua cultura, negar uma oportunidade de reflexão e reelaboração.

Além da omissão e distorção histórico-cultural, a presença dos estereótipos nos livros didáticos e outros materiais pedagógicos, podem determinar a rejeição inconsciente a um saber que humilha. Em uma sociedade onde dois mundos sociais em contato, têm relações político, econômicas e culturais desiguais, inexistente o reconhecimento social das diferenças, enquanto distinções fenotípicas e culturais e não como desigualdades. (SILVA, 2001, p. 17).

A omissão, a distorção histórico-cultural e outros estereótipos presentes em materiais pedagógicos tem tendência de rejeitar a imagem dos negros nos livros didáticos, podendo ocorrer involuntariamente, isto se dá devendo ainda a existência das tendências do positivismo e uma história eurocêntrica, onde se permite a retratação da população branca em detrimento da negra, tornando-se desumana e humilhante para que compõe uma nação com um percentual de 45% de negros. Assim constituem uma sociedade com abismos diferentes quer político, social, econômico e cultural com profundas desigualdades sociais.

Esses estereótipos, essas imagens que são cristalizadas, que podem ser feitas individualmente ou no coletivo e que produzem os preconceitos, através de opiniões ou formam conceitos baseados em dados não comprovados de uma outra realidade, onde esse outro é colocado sob suspeita ou rejeição. O que muitas vezes tem acontecido é que essas vítimas dos preconceitos poderão internalizá-lo, auto-rejeitando e repudiando aquele que se assemelha.

Os estereótipos propagados através dos livros didáticos têm propiciado uma representação negativa dos negros e uma representação positiva dos brancos, está de certa

forma promovendo a ideologia do branqueamento, passando a alimentar as teorias de inferioridades e superioridade raciais.

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que o negro internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do branco, tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos. (SILVA, 2001, p. 18)

Sabe-se que no decorrer da história houve uma tentativa de branqueamento da população brasileira, logo após o processo da abolição, 13 de maio de 1888, quando foi motivado e facilitado a vinda de imigrantes de várias partes da Europa e do continente asiático. A ideologia do branqueamento⁴ naturaliza, banaliza a imagem negativa do negro e exalta a imagem positiva do branco. O negado tende a aproximar do tido como positivo, da sua cultura, dos seus valores, tidos como perfeito e bom.

O livro didático é nos dias atuais um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares. Também para o professor dessas escolas, onde os materiais pedagógicos são escassos e as salas repletas de alunos, o livro didático talvez seja um material que supre as suas dificuldades pedagógicas. (SILVA, 2001, p. 19).

Como consta em Silva, o livro didático é um instrumento muito utilizado por professores, enquanto recurso pedagógico e pelos alunos principalmente em escolas públicas, isto devido ser a única fonte de leitura para os alunos provenientes de classes populares. Escolas estas superlotadas com alunos advindos de várias procedências que muitas das vezes não possuem condições de adquirir outras fontes de pesquisas.

(...) Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnicos raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada. (GOMES, 2005, p. 53).

⁴ Ideologia do branqueamento: “se efetiva no momento em que o negro internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do branco, tende a si rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.”

Para Gomes falta de espaços imagéticos nos livros didáticos é uma forma de racismo, isto é uma ausência para a história da população negra, negação de uma etnia que faz parte da população brasileira.

É muito pouco freqüente a participação da população negra em novelas, propagandas, publicidade e quando são representados, os papéis reservados são os menores, inferiores, subordinado, enfatizando a ausência da figura positiva dos negros. Para que as pessoas de um modo geral percebam isso faz necessário o despertar do senso crítico.

Sem dúvidas, é de fundamental importância o trabalho do professor, que é a capacidade de ter análise crítica e de mediação cultural em relação às mensagens contidas nos livros, em especial aqueles que destinam a educação.

Os docentes podem e devem corrigir os estereótipos relacionados aos negros, os índios e tantos outros, principalmente nos materiais que fazem parte de sua prática pedagógica. O papel do professor é determinante no processo de reapropriação e reinvenção do conhecimento. Isto tudo se dá através dos textos que lê, das correções das ilustrações, através das análises críticas dos textos, fazendo uma comparação daquilo que lê com o seu dia-a-dia, suas vivências, sua cultura, ele poderá desconstruir esses estigmas.

Os materiais pedagógicos e midiáticos desempenham um papel fundamental na reprodução das ideologias, por ser uma via de expansão das visões estereotipadas dos segmentos oprimidos da sociedade, a imagem acima retratada, dá-nos mostras de que há uma visão unilateral quando se trata de raça e estética, pois certamente se procurarmos quais desses dois perfis é o mais bonito? A resposta seria o perfil comum da mídia.

Tal visão se dá devido a importância que pais, alunos, professores e sociedade depositam no poder da imagem. E os livros didáticos são depositários de verdades inquestionáveis, tornando-se uma memória viva das civilizações. Todavia deve se tomar muito cuidado devido, muitos processos civilizatórios, visões de mundo serem suprimidos ou minimizados pelos livros que propagam na maioria das vezes a visão de mundo de acordo com o que a sociedade estabelece, é o que a classe dominante almeja.

O livro didático, de modo geral omite o processo histórico e cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o negro, o índio, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem, em grande parte para o recalque de sua identidade e auto-estima. (SILVA, 2004, p. 51). De

De acordo com a autora, os livros didáticos têm negado, propiciado meios para que o processo histórico e cultural não consiga ganhar a mesma dimensão que a cultura dos subordinantes. Quanto a quase ausência do negro nos livros didáticos ou quando existem soa manifestados através de formas estereotipantes, todavia são manifestações que contribuem para reprimir sua identidade e sua auto-estima.

Por conseguinte o livro não é apenas o transmissor dos estereótipos, na verdade é ele que por possuir características de verdades absolutas, pela tamanha importância que lhe é atribuído, pelo seu constante uso, penetram nas mentes das crianças, jovens e adultos visões cristalizadas da realidade humana e social.

Quando se omite, minimiza a história, a cultura, os valores, o cotidiano, as experiências de uma pessoa ou grupo, e o livro didático tem concorrido significativamente para reprimir a identidade étnica em especial o negro e seu branqueamento mental e físico.

É interessante e motivante quando uma obra literária contém gravuras, tornando-a mais atraentes principalmente para crianças, jovens e adolescentes. Uma obra literária não transmite uma mensagem não somente através do texto escrito, as ilustrações podem também construir enredos e cristalizar as percepções sobre o mundo. Em muitos casos as caricaturas têm a intenção de inferiorizar e desumanizar o negro, nas ilustrações ele aparece deformado, comparados a seres destrutivos e sujos.



“O negro aparece caricaturado, com expressão fisionômica desumanizada é associada ao macaco, na expressão facial, no vestuário e nas atividades que desempenham.” (SILVA, 2004, p. 55)

O negro é retratado, associado a animais cujo objetivo é de desumanizar e inferiorizar e quando ocorre tal comparação, contribui para que crie uma rejeição, aversão por esse grupo.

A desumanização esteve presente também nos textos, nos quais os personagens negros tiveram uma associação a animais, são retratados sem nomes através de apelidos, não possuem famílias, sem idades, chamados de demônios, são associados a seres sobrenaturais malignos.

Tal associação do negro a seres sobrenaturais que possuem uma ligação com, mas ações, ao demônio, torna-se um preconceito concorrendo para a não humanidade do negro.

Além de ser ilustrado e descrito em textos de forma desumanizada, eles também aparecem executando funções e papéis considerados inferiores na nossa sociedade. Nas ilustrações eles são representados na condição de escravos, serviçal, favelado e a mulher negra na condição de doméstica.

Nas obras literárias percebe-se que o povo negro é ilustrado e descrito como trabalhador braçal do campo e da cidade, agindo assim tais obras acabam por omitir a contribuição econômica e a diversidade de funções e papéis desempenhados pelos homens negros no Brasil desde sua chegada até os dias atuais.

Quanto as mulheres negras são ilustradas como empregadas domésticas e não como domésticas enquanto profissionais que executam um serviço de extrema importância social, porém carregam os estereótipos de mulher feia, gorda, sem inteligência, tendo por companheiro o avental e o lenço que cobre a cabeça.

Mesmo as mulheres negras já terem conquistado posições reservadas as mulheres de peles claras, entre elas: médicas, professoras, comerciárias, industriárias. No entanto, não são retratadas na literatura infantil juvenil. A rejeição do homem branco com a mulher negra resulta na disseminação dos estereótipos de doméstica, feia, gorda, burra, mulher sem status, bem como a elevação da mulher branca com padrão da beleza, pureza e perfeição.

A virgem Maria é branca nos livros, as fadas, as sereias, as mães, as professoras, são todas brancas e lindas nos livros, na igreja, no cinema, nas revistas e na TV. As crianças, os jovens e adultos, negros e mestiços têm esse modelo imposto como ideal a ser atingido, seja através das uniões inter étnicas, seja através do branqueamento psico-ideológico, recalçando e fracionando a identidade, através da rejeição da sua cultura e da sua estética. (SILVA, 2004, p. 64).

Quando se trabalha o Renascimento Cultural nas escolas, nas obras literárias, as imagens da virgem Maria todas são brancas com exceção de Nossa Senhora Aparecida, nos desenhos animados, revistas, filmes, as sereias, as fadas são alvas, de cabelos loiros e olhos azuis, lindas e perfeitas. As mulheres lindas e desejadas e que servem de inspiração são brancas. Em uma sociedade em que ser belo, bonito, perfeito é o branco, quem quer ser negro? Que são considerados impuros e maus. Aos jovens, adultos e crianças negras e mestiças são impostos padrões do branqueamento, isto faz com que seja reprimido a sua verdadeira identidade, levando esses grupos a rejeitar sua cultura, suas experiências, seu cotidiano e suas crenças.

Ser vítima de zombaria e humilhação parece a forma encontrada pelos autores para depreciar o negro. São depreciações feita através de provérbio: “Negro quando pinta, já passou dos cento e trinta”.

Porém, um exemplo mais explícito de depreciação, podemos encontrar no texto: “A borboleta”

De manha bem cedo Uma borboleta Saiu do casulo Era parda e preta.
Foi beber no açude Viu se dentro da água E se achou tão feia Que
morreu de mágoa Ela não sabia - boba! – que Deus deu Para cada
bicho A cor que escolheu Um anjo a levou Deus ralhou com ela Mas
deu roupa nova Azul e amarela (Odílio Costa Filho, *apud*, SILVA,
2004, p. 65)

Nota-se auto rejeição à cor preta da borboleta que era preta e parda. A borboleta também se auto rejeitou, depois que a viu espelhada na água do açude e se achou tão feia que morreu de mágoa. Deus também rejeita a cor preta, isto ficou nítido no momento em que ele ralhou com ela, porém lhe dá roupa nova, azul e amarela.

O menosprezo, a rejeição a cor preta, fazem parte do cotidiano do negro, isto pode ser de forma sutil, ou explícita, dependendo da sua posição social.



Fonte: (SILVA, 2004, p. 83)

Nesta gravura a Tia Anastácia, personagem de Monteiro Lobato, desenhada de perfil, ao lado do Marquês de Rabicó que é um porco falante, também personagem do mesmo autor, com traços semelhantes ao de Anastácia. Quando ocorre essa associação da figura do porco com a do negro, como um ser que é sujo e que suja, passa para o leitor atitudes de rejeição a um ser que polui, que mancha a pessoa do negro.

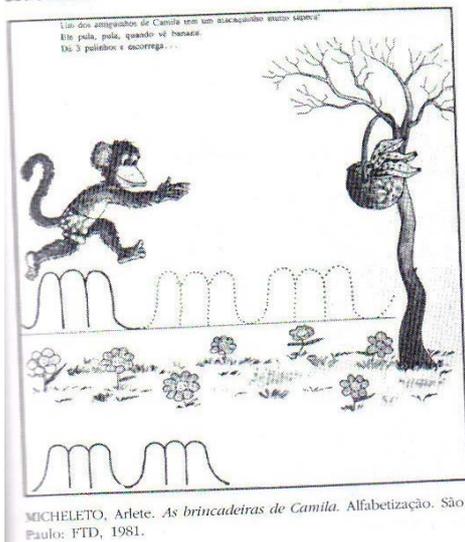


Aqui percebe-se a criança colocada ao lado de um burro, isto caracteriza que a criança é um ser que não possui inteligência se igualando ao burro, termo pejorativo, que leva a acreditar que ela também é um animal irracional.



Nestas caricaturas de autoria de Monteiro Lobato, todavia, todas desempenham o papel de serviçais. Esta maneira de associar a mulher negra ocupando a posição de doméstica, subalterna é uma maneira de diminuir o personagem, não se vê uma personagem branca ocupando tal posição.

Macaco...

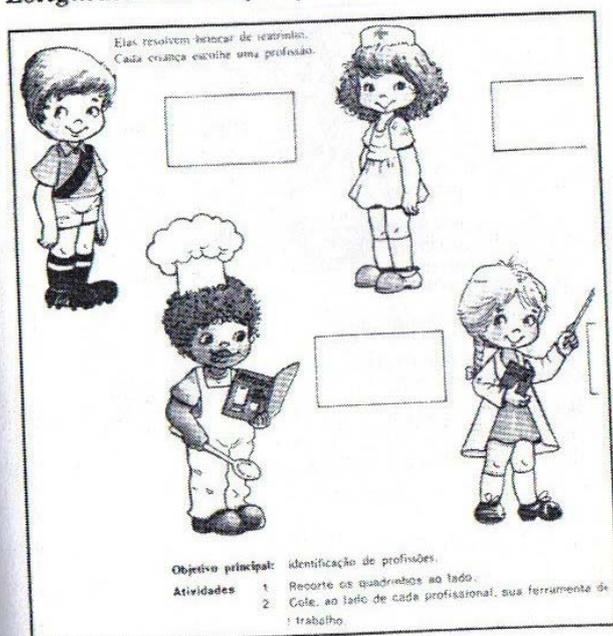


... associado a criança



Ao observar nestas duas gravuras que a criança e o macaco desempenham a mesma atividade e o que se dá a entender que ambos são mal sucedidos. Tal associação evidencia a incapacidade intelectual da criança negra bem como demonstra um comportamento exibicionista procurando atrair a atenção para si.

Estigmatizado em função subalterna



Neste quadro visa trabalhar as profissões apresentando três crianças brancas caracterizando a professora, a enfermeira e um jogador. Uma criança negra com trajes de cozinheiro com uma colher de madeira e um livro de receita nas mãos, isto é uma estigmatização, colocando-o como subalterno, pouco prestígio social é o que tem perpetuado há décadas nas literaturas.

Ao analisar a literatura brasileira observa-se que existem vários autores de grande renome, todavia analisando suas obras percebe-se que não há um envolvimento deste com a causa negra, frente negra, movimentos o processo abolicionista.

A razão da ausência de uma tradição literária negra no Brasil e de sua presença na América do Norte encontra-se, sem dúvida, no maior desenvolvimento econômico dos negros nos Estados Unidos em comparação com os negros do Brasil e outros países da América Latina. Entretanto, essa explicação não estará completa se não for mencionado o fato de que o relativo progresso obtido pelos negros dos Estados Unidos tem origem, em parte, na natureza mais evidente das adversidades por eles enfrentadas. Uma maior união racial e conseqüentemente, produziu manifestação mais forte e mais unida contra as brutalidades da discriminação racial. Estimulou também o desenvolvimento de entidades autônomas para apoiar o progresso social dos negros, tais como os negócios dirigidos por negros para negros, faculdades para estudantes negros e, na área literária, editora para negros. (BROOKSHAW, 1983, p. 148-149).

Em muitas obras fica evidente o teor pejorativo contra a população negra, talvez não seja por vontade própria ou por conviver em uma sociedade em que o branqueamento da raça fora fundamental ou até por momentos circunstanciais em que eles viviam e como meio de salvar sua pele permitia e colaborava para tal efetivação.

A literatura não é forçosamente um reflexo do meio, pode ser uma lutar contra este, um protesto contra os preconceitos ou mais simplesmente uma fuga, uma evasão longe da dureza das tensões raciais. (BASTIDE, 1975, p. 114-115).

Segundo Bastide, a literatura não deve ser entendida como um reflexo da sociedade na qual ela foi produzida, esta por vez pode ser uma luta do seu produtor contra o meio no qual ele se encontra inserido ou uma maneira de protestar contra os estereótipos, ou possivelmente se tornar uma maneira de escapar das realidades em que o autor vivencia.

Através de fragmentos de alguns autores termos usados por eles que denigre a imagem da população em foco. Para Bastide, pode encontrar estereótipos desde os primórdios da literatura. O primeiro a ser analisado é o escritor Gregório de Matos, este procura imitar poetas de origem européia, chega a ser considerado o poeta azedo da era colonial. “Ter sangue

de carrapato Seu estoraque do Congo Cheirar a roupa a mondongo É cifra de perfeição” (GUERRA, *apud*, BASTIDE, 1973, p. 116)

Nota com nitidez a intenção do autor em humilhar as origens africanos. Bem sabe que este poeta lírico, teve amantes negras compôs versos em sua homenagem, entretanto o modelo de beleza presente naquela época nunca deixou de ser a branca, lábios coloridos. Nas poesias coloniais do século XVIII são raras as exceções em que os negros aparecem, devido estes não serem assuntos para poetas. Percebe-se que os estereótipos aqui retratados emergiu da cor ou da raça. O negro somente passa a ser enredo para os poetas, num espaço diferente do contexto colonial, onde estes viviam nas condições de escravos, num espaço alheio ao seu exemplificando temos a obra de Basílio da Gama, *Quitubia*, que se passa na África, com Henrique Dias, onde um herói de guerra luta contra os holandeses.

No século XIX, é o período em que houve a luta pela substituição do trabalho servil, aconteceram lutas em favor da integração dos negros como cidadãos brasileiros. Todavia vê-se que os estereótipos não vão serem destruídos, pelo contrario há uma intensificação, passando do preconceito de raça ao preconceito de cor.

O negro é feio, a mulata é bela porque se aproxima da branca; Há dois tipos de negros o negro ruim e o negro bom, o quilombola pérfido, frio, cruel, inexorável. O negro é racialmente um animal sensual e sexual; a vista de negros trás desgraças; o negro é feiticeiro, mágico perigoso; supersticioso em todos os casos; a negra é cheia de manha e tagarela, ama o prazer, a preguiça o luxo; o mulato é traidor, infiel e vaidoso. (BASTIDE, 1973, p. 121).

Estereótipos como estes citados são retratados com a mesma frequência em várias obras de ilustres escritores da literatura brasileira. O que vem comprovar tal verdade é Manuel Antônio de Almeida que fala sobre a graça das baianas e logo em seguida comete um terrível estereotipo, diz ele: “se fosse branca e bonita o Brasil seria uma perdição”. (BASTIDE, 1973, p. 122) Aqui o autor demonstra preconceito em relação a cor negra e os seus sinônimos, nos leva a entender que as baianas negras são feias.

Encontra-se na obra de Jose de Alencar, *O tronco do ipê*, estereótipos que trazem o negro como: ...fisionomia bruta e repulsiva – os grossos lábios – uma vez que não parecia humana – grito áspero – gostos rudes – expressão de idiotismo – expressão bestial – rosto grosseiro – tição – negro comboio e bichado – o beijo como orelha de porco. (ALENCAR, *apud*, BASTIDE, 1973, p. 122)

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

De acordo com o autor, o negro é comparado a animal, não possui nada que o assemelhe a um ser humano, os adjetivos atribuídos a esta população são realmente palavras que fazem com que os negros se sintam inferiores aos brancos em todos os sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem é um fator indispensável no cotidiano do ser humano. Em um mundo globalizado, não há como negar a importância imagética em todos os segmentos sociais e esta esteve presente desde os primórdios até a história contemporânea, e, é na contemporaneidade que ela tem mostrado sua eficácia para legitimar os ideais capitalistas.

Em um Brasil tão amplo e diversificado a conclusão é que há um predomínio da exclusão dos afro-brasileiros na literatura brasileira, nos livros didáticos, na literatura infanto-juvenil, na mídia e quando aparecem são através de formas negativas que muito tem contribuído para inferiorizar, estigmatizar essa população.

Este estudo é focado na imagem, devido esta possuir enormes poderes na sociedade a qual encontramos inseridos, é ela a diretriz, o norteio para qualquer cidadão.

Conclui assim que muitas vezes os professores tem negado, silenciado perante as atitudes racistas que tem acontecido na escola e não somente contra negros ou pardos, mas também contra, mulheres, homossexuais. Faz necessário investir em pesquisas que coloque em evidência os diversos tipos de preconceitos impregnado nas mentes, quebrar as barreiras que impede as mudança, levando preferir o silencio, não importando os males que ele possa acarretar.

Dessa o livro didático tem desempenhado no contexto escolar, bem como a imagem de destaque que o negro possui no interior e exterior do livro didático, devido muitas interferências e mudanças que o livro didático sofreu e vem sofrendo ele chega ao século XXI permeado de estereótipos contra o negro, qual é o espaço que o negro tem ocupado no mundo midiático: seriados, novelas, filmes, programas humorísticos, programas infantis. Essa população ainda é retratada de forma inferior, quando digo de forma inferior são seus papéis de escravos, domésticas, peões, nunca chaga a ocupar uma posição central.

Quanto ao racismo no livro didático nota-se que a simples ausência já é um fator discriminante e que a literatura infanto-juvenil ou infantil não foge a esse padrão, a imagem do personagem negro sempre está em condições subalternas ou associada a algum animal, com caricaturas grotescas, desumana. Analisando algumas obras clássicas de nossa literatura brasileira, há uma forte comprovação de uma abordagem excludente, no que tange a população negra.

O que este trabalho, foi o fato de observar nos livros didáticos e perceber que em sua maioria, a imagem predominante, de datas comemorativas como o dia das mães, ela sempre é branca, o anjo sempre branco, criança brincando de profissões, a cozinheira é negra, as representações escolares, as crianças brancas representam os colonizados e as negras nas condições de escravos. Todos nós devemos estar envolvidos no processo que conduz a mudança e deixar claro que tais mudanças podem trazer benefícios para todos. Essa tarefa não deve restringir apenas aos negros. É necessário o envolvimento de todos os setores democráticos da sociedade.

Concluimos que a presença do elemento negro na sociedade aparece de forma limitada nos livros didáticos analisados. Quando aparece é de forma estereotipada. É nítida a forma desumana, a incapacidade, bem como sua atuação no espaço social.

O negro foi ilustrado e descrito como um ser que se aproxima dos seres irracionais, que possui atitudes e comportamentos que propicia um atendimento de incapacidade intelectual.

Por outro lado, ele está desassociado de contextos sociais próprios, como escola, família, trabalho. Sendo descrito como ocupantes de trabalhos que os inferiorizam, omitindo sua participação na história.

Os termos pejorativos de feio, mau, incapaz, foram constantes e conseqüentemente pode levá-los a perda da auto-estima e auto-rejeição pela sua cor, cultura e negar sua própria existência.

Dessa forma o livro contribui para a ideologia do branqueamento, que poderá levar ao desaparecimento, que poderá levar ao desaparecimento do povo negro da sociedade brasileira, que tal desaparecimento poderá ser através de uma miscigenação induzida ou por uma política de abandono.

Acredita-se que os trabalhos, os movimentos já existentes, as reivindicações das entidades negras, seminários pelo país a fora, onde analisa e discute essa problemática do racismo, venham sensibilizar o povo brasileiro na construção de uma sociedade igualitária. Isto trará benefícios que refletirão na aprendizagem do aluno, na sua afirmação pessoal enquanto ser humano e cidadão e no crescimento intelectual.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Estudos Apro. Brasileiros. Editora perspectiva S. A. São Paulo, 1973.

BROOKSHAW, David. Raça e cor na Literatura Brasileira. Tradução Marta Kirst. Porto Alegre mercado aberto, 1983.

COSTA, Cândida Soares da. O negro no livro didático da língua portuguesa: imagens e percepções de alunos e professores. – (Coleção Educação e Relações Racionais, 3) – Cuiaba: UFMT – IE, 2007

DAVIS, Darien J. Afro-brasileiros hoje. São Paulo: Ser Negro, 2000

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil, uma Breve Discussão. In: Ricardo Henriques. (org). educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639 de 2003, Ed. Brasília: DECAD – MEC, 2005, v., Pa. 39-62

REVISTA, Carta na Escola. Relações raciais personagens negros e branco na literatura infanto juvenil e em livros didáticos não são vistos do mesmo modo. Ed. Nº 25, abril 2008, p. 42-45

SILVA, Ana Célia da. A Discriminação do Negro no Livro Didático. 2ª Ed. Salvador: UDUFBA, 2004

